

newsnqtb

Sindicato Nacional dos Quadros e Técnicos Bancários

96

JUNHO 2024

EXIGIMOS DECÊNCIA
NOS AUMENTOS DOS
SALÁRIOS E PENSÕES
DOS BANCÁRIOS
VOS E

**GNIC/APB: após intenso
trabalho sindical,
garantimos aumentos de 3%**

Continuamos a trabalhar nas restantes mesas negociais!



Tiago Teixeira
Diretor Nacional, Pelouros
Marketing e Comunicação

E as restantes mesas negociais?

Tendo as negociações com o GNIC/APB chegado à sua conclusão, processo que o presidente do SNQTB, Paulo Gonçalves Marcos, descreve e analisa com detalhe nesta edição, o foco do nosso Sindicato continua agora nas restantes.

O BCP continuará a merecer a nossa melhor atenção. Como refere nesta newsletter Pedro Rola, coordenador da comissão sindical do SNQTB no BCP, talvez tenhamos de trazer à conversa pública a Fosun e a Sonangol, enquanto acionistas de referência. A posição do BCP anda no limiar da afronta e é intolerável. Alguém compreende que os trabalhadores do BCP sejam discriminados de forma negativa face aos restantes colegas? Conhecendo os robustos resultados alcançados e aqueles que se adivinham em 2024?

No entanto, há outras mesas negociais a decorrer. Sem ser exaustivo, é o caso das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo e do Montepio. Num caso e noutro, não antecipamos especiais dificuldades na obtenção de um acordo, no mínimo em linha com o GNIC/APB. Contudo, caso surjam obstáculos inesperados nas negociações, os nossos sócios, ativos e reformados, sabem que podem contar connosco, com a nossa exigência e, claro, com o nosso bom senso.

Regresso, todavia, ao BCP e à manifestação do passado dia 22 de maio, na qual estive presente com muito orgulho. Nunca tinha visto tantos bancários juntos numa manifestação em defesa dos seus salários e pensões. **Estamos a acordar para a vida, a deixarmo-nos apenas de desabafos nas redes sociais e a mobilizarmo-nos para aquilo que verdadeiramente conta: o protesto de rua quando necessário!**

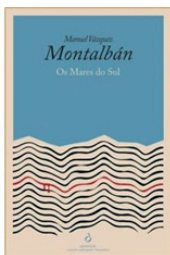
Estou seguro de que as restantes Instituições de Crédito tomaram boa nota e retiraram as devidas ilações.

ESCAPARATE



Salman Rushdie,
Faca
(Dom Quixote, 2024).

Em 2022, mais de 30 anos depois da fatwa contra si decretada, Salman Rushdie foi atacado, e quase morto, por um jovem com uma faca. Falando pela primeira vez dos acontecimentos desse dia, Rushdie responde à violência com a arte e relembra-nos o poder que as palavras possuem de racionalizar o que é impensável. Ao fazê-lo, oferece-nos não só o relato pessoal dessa experiência, mas também uma meditação sobre a vida, a perda, o amor e a arte – e sobre a descoberta da força que permite a alguém voltar a erguer-se.



Manuel Vázquez Montalbán,
Os Mares do Sul
(Quetzal, 2024).

Manuel Vázquez Montalbán (1939-2003) nasceu em Barcelona, estudou Filosofia e é uma das figuras mais importantes das Letras de Espanha, tendo obtido numerosos prémios literários. Ao longo da sua vida, Montalbán escreveu romances, literatura policial, poesia, ensaio e crónica. Publicado originalmente em 1976, Os Mares do Sul é considerado um dos 100 melhores romances em castelhano do século XXI. É igualmente o romance mais conhecido em que participa a personagem do detetive Pepe Carvalho.



Sindicato Nacional dos Quadros e
Técnicos Bancários

Rua Pinheiro Chagas, 6 - 1050-177 Lisboa

Diretor: Tiago Teixeira.
Edição, redação e design: SNQTB.
Periodicidade: mensal.

213 581 800 - Linha de Apoio ao Sócio
213 581 888 - Assistência Domiciliária e
Aconselhamento Médico Telefónico
213 581 880 - Serviço de Vídeo-Consulta
239 838 745 - Apartamentos FSB

CONTACTOS DAS DELEGAÇÕES:

Aveiro

234 383 267 – aveiro@snqtb.pt

Braga

253 613 351 – braga@snqtb.pt

Coimbra

239 838 745 – coimbra@snqtb.pt

Covilhã

275 314 290 – covilha@snqtb.pt

Faro

289 882 538 – faro@snqtb.pt

Funchal

291 238 980 – funchal@snqtb.pt

Leiria

244 813 563 – leiria@snqtb.pt

Lisboa

213 581 870 – lisboa@snqtb.pt

Ponta Delgada

296 286 118 – pdelgada@snqtb.pt

Porto

222 076 600/8 – porto@snqtb.pt

Setúbal

910 206 962 / 913 218 164 – setubal@snqtb.pt

Torres Vedras

913 594 200 – tvedras@snqtb.pt

Viseu

232 093 100 – viseu@snqtb.pt

Dias úteis das 9h às 18h.
Chamada para a rede fixa nacional.

www.snqtb.pt
www.facebook.com/snqtb
www.instagram.com/sindicato_snqtb

SNQTB Saúde
SAMS Quadros

FSB

SNQTB Seguros

USI
UNião dos Quadros Independentes

ÓTICA
SAMSQUADROS
Partido Especializado

FESIBA

FECEC*

CEC
EUROPEAN MANAGERS

FISBANCA

Fundação Social Bancária associa-se à Associação Portuguesa de Hemocromatose numa ação pública de sensibilização



A Fundação Social Bancária (FSB) reuniu-se com a Associação Portuguesa de Hemocromatose com o intuito de analisar formas de cooperação entre as duas instituições, nomeadamente com o propósito de contribuir para a consciencialização pública sobre a doença, desconhecida por muitos portugueses.

A FSB recomenda aos adultos jovens, sócios e beneficiários do SNQTB, que **adiram ao rastreio da Hemocromatose**. Se tem familiares adultos, com menos de 30 anos, deve solicitar ao seu Médico de Medicina Geral e Familiar uma análise aos parâmetros do ferro que deve incluir: Ferro Sérico, Transferrina, Saturação da Transferrina, Ferritina e um hemograma completo.

Sempre que seja detetada uma Saturação da Transferrina superior a 50% em mulheres ou superior a 60% em homens, independentemente do valor da Ferritina, deverá contactar a APH (aphemo@hotmail.com) para agendar uma consulta no Centro de Referência para Hemocromatose, situado no Serviço de Imunohemoterapia do Hospital de Santo António no Porto.

Evite uma doença potencialmente grave.



Na fotografia, Henriqueta Sousa (esq.), presidente da Comissão Executiva da FSB, Maria da Graça Porto (centro), presidente da Comissão Científica da Associação Portuguesa de Hemocromatose (APH), e Amélia Alves (dir.), presidente da direção da APH, aquando da última reunião de trabalho, no Porto.

O que é a Hemocromatose?

A Hemocromatose é uma doença de excesso de ferro no sangue e no fígado. Nesta doença, o ferro vai-se acumulando no organismo ao longo da vida podendo originar graves problemas de saúde. Os mais sérios são a cirrose e o cancro do fígado. Trata-se de **uma doença genética**, por isso nasce-se com ela, mas as complicações clínicas só ocorrem na vida adulta, geralmente depois dos 40 anos, quando a quantidade de ferro acumulada é suficiente para provocar a doença. Até lá o ferro vai-se acumulando de uma forma silenciosa, sem qualquer tipo de sintomas. **Se uma pessoa com Hemocromatose for diagnosticada nesta fase assintomática, pode tratar-se, evitando as complicações** da sobrecarga de ferro e passando assim a ter uma vida normal. Por isso a Hemocromatose é hoje considerada um bom exemplo da importância da Medicina Preventiva. O tratamento é muito simples e seguro, consistindo em sangrias regulares que irão, não só remover todo o ferro acumulado em excesso, numa primeira fase, como vão depois prevenir nova acumulação.

Como é que se suspeita de Hemocromatose e como se confirma?

A suspeita de Hemocromatose baseia-se em análises de sangue muito simples, que indicam a quantidade de ferro que circula no sangue (Saturação da Transferrina) e a quantidade de ferro acumulado no fígado (Ferritina). Se estes parâmetros do metabolismo do ferro estiverem alterados sem haver uma outra explicação (existem muitas outras situações para além da Hemocromatose em que também há excesso de ferro), então será indicado realizar um teste genético que confirmará se se trata de Hemocromatose ou não. Hoje em dia, aquelas análises são realizadas de forma sistemática em doentes com sintomas ou sinais sugestivos de sobrecarga de ferro (alterações do fígado, diabetes, artrites, etc.), mas nestes casos estamos a falar de uma suspeita clínica de diagnóstico em fase tardia, já sintomática. Raramente se fazem estas análises em pessoas aparentemente saudáveis, a não ser em familiares diretos de doentes diagnosticados e que, por isso, estão em maior risco. Sabemos, no entanto, que na Hemocromatose os parâmetros do ferro podem estar alterados muito cedo na vida, por vezes 20 anos antes dos primeiros sintomas, e é por isso que os especialistas recomendam que se deveria fazer um rastreio com estas análises em populações onde o risco é grande, de preferência antes dos 30 anos.

A Hemocromatose é uma doença rara ou nem por isso?

Embora não seja uma doença muito conhecida ou falada, mesmo entre os profissionais de saúde, o que é um facto é que a característica genética que provoca a doença é muito frequente entre a população de origem europeia, e por isso existe uma grande quantidade de pessoas em risco. **Em Portugal estima-se que uma em cada 500 pessoas possa estar em risco de poder vir a desenvolver a doença.**

Como se pode prevenir a Hemocromatose?

Sendo Portugal uma região de risco, e sendo a Hemocromatose facilmente detetada e tratada, esta é uma das condições em que se pode recomendar um rastreio na população adulta. **A Associação Portuguesa de Hemocromatose (APH) está atualmente a envidar esforços junto da Direção-Geral da Saúde no sentido de promover, a nível nacional, o rastreio da Hemocromatose em jovens adultos, como medida de prevenção da doença.** Todos os casos detetados devem ser confirmados e, se assim forem, recomendado o tratamento e também o rastreio de todos os familiares de 1º grau adultos, com aconselhamento apropriado.



Crónica de um processo negocial

Paulo Gonçalves Marcos
Presidente da Direção do SNQTB

No passado dia 27 de maio, o SNQTB acordou com o Grupo Negociador das Instituições de Crédito (GNIC) um aumento de 3%, retroativo a janeiro de 2024, para as tabelas salariais, pensões de reforma e de sobrevivência, bem como das demais cláusulas com expressão pecuniária.

O GNIC/APB, recordamos, representa Instituições de Crédito como por exemplo o Bankinter, BBVA, BPI, Credibom, Haitong, novobanco, ou o Santander. (Os processos negociais com o BCP, CGD, Crédito Agrícola e Montepio, importa referir, prosseguem em mesas distintas e separadas.)

Isto dito, este acordo com o GNIC/APB, atendendo ao valor previsível da inflação no final deste ano, vai permitir recuperar uma parte do poder de compra que foi escandalosamente perdido em 2022. Acordo esse que, nesse ano, recorde-se, foi altamente lesivo dos interesses de todos bancários. Uma solução alcançada contra a nossa vontade e apesar dos nossos alertas. Um acordo que alguns fecharam à pressa e de forma irresponsável. Ainda hoje estamos para perceber as verdadeiras motivações desse acordo de triste e má memória que a todos os bancários custou muito dinheiro.

Mas regressando a 2024, o acordo agora alcançado recupera uma parte dessa dura perda. Também por isso corresponde a um desfecho razoável. Com ele encerramos um processo que teve várias etapas e muito trabalho de bastidores.

Este acordo resulta de um esforço largamente solitário, muito alavancado na forma liderante como o nosso Sindicato se posiciona no sector bancário. Com muito orgulho, refira-se.

Como é que aqui se chegou?

É essa história que aqui queremos contar de forma sucinta, naturalmente dentro daquilo que é possível mencionar sem quebrar deveres de confidencialidade.

Proposta, contraproposta e impasse

Em novembro de 2023 submetemos à consideração das Instituições de Crédito que outorgam o ACT do Sector Bancário (GNIC/APB) a nossa proposta, para 2024 e 2025, de atualização das tabelas salariais, pensões de reforma e de sobrevivência, bem como das demais cláusulas com expressão pecuniária. A nossa proposta, recordamos, contemplava uma atualização de 5,83% para 2024 e de 4,33% para 2025.

Devidamente fundamentada, a nossa proposta pretendia acomodar os valores da inflação que eram expectáveis para 2024 e 2025, bem como recuperar o poder de compra perdido de forma tão dolorosa em 2022. A nossa proposta procurava ainda, ao estabelecer um acordo para dois anos, evitar o desgaste e o ruído permanente à volta das negociações e dos aumentos, conferindo estabilidade e paz social por um período de tempo mais dilatado.

Contudo, as Instituições de Crédito manifestaram a sua indisponibilidade para tal, tendo preferido manter o modelo de negociação tradicional de discussão anual das tabelas salariais, pensões de reforma e de sobrevivência, bem como das demais cláusulas com expressão pecuniária.

Partimos, portanto, para a discussão de 2024 nos moldes habituais com uma proposta de 5,83%.

Sintetizando, à nossa proposta respondeu o GNIC/APB com uma contraproposta de 2%. Perante esta movimentação inicial das peças no tabuleiro, era evidente que qualquer hipótese de acordo estava ainda muito distante.

De referir que a nossa proposta assentava numa previsão da inflação do Banco de Portugal que, com base nos dados conhecidos nessa altura (outubro de 2023), apontava para uma estimativa de 3,6% em 2024.

Contudo, este valor foi ajustado para 2,9%, em dezembro de 2023.

Em linha com esta revisão, na reunião com o GNIC/APB, no início de março, o SNQTB ajustou a sua proposta de 5,83% para 5,13% (ou seja, ajustou a proposta em função da revisão da estimativa para a inflação). Ao ajustamento introduzido pelo SNQTB, responderam as Instituições de Crédito com uma contraproposta de 2,5%.

Com o intuito de concretizar um fecho célere das negociações, e atendendo à aparente disponibilidade do GNIC/APB para se avançar a bom ritmo nas negociações, o nosso Sindicato propôs uma atualização de 3,2%, dando às Instituições de Crédito oito dias úteis para se fechar as negociações, mais tarde alargados a dez, sob pena de, terminado o prazo, se regressar à proposta de 5,13%.

Nesses dez dias, o GNIC/APB não conseguiu reunir os consensos internos necessários para responder positivamente. Estávamos em março e, com as aparentes divergências entre as Instituições de Crédito, as negociações prometiam cair num impasse que não era, de todo, desejável.



A mesa do BCP

Na mesa negociadora com o BCP, na qual o SNQTB apresentou a mesma proposta de 5,83%, o Banco respondeu, em fevereiro de 2024, com uma contraproposta de atualização de apenas 2,125% para 2024, e um valor diário de 13,50€ para o subsídio de alimentação (o valor atual é de 13€).

Naturalmente, esta contraproposta do BCP provocou um profundo mal-estar no nosso Sindicato.

O facto de, em meados de abril, o BCP subir a sua proposta de 2,125% para apenas 2,25% ativou todos os alarmes. Não só o valor apresentado era insuficiente, e quase provocatório, como ainda por cima tinha potencial para contaminar a dinâmica negociadora noutras mesas, nomeadamente a do GNIC/APB.

A situação era tanto mais escandalosa porque em 2023 a Banca, nomeadamente o BCP, teve resultados operacionais fantásticos e em 2024 terá resultados que serão igualmente bons.

De forma inadvertida, porventura, o BCP fazia um movimento no tabuleiro que desencadearia a aceleração do tempo sindical. A hora de subir a fasquia, por assim dizer, tinha chegado.



O início da contagem decrescente

Com o desconforto instalado, o SNQTB foi dando nota que se estava a chegar a um ponto de potencial rutura.

Em colunas de opinião no Jornal Económico e no Novo, deixámos bem claro que começava a tardar um consenso sobre os aumentos salariais e que a paz social poderia estar em risco (abril no JE); referimos, por outro lado, que talvez os bancários tivessem de seguir o exemplo de outras classes que se têm vindo a mobilizar (abril no Novo); e referimos de forma explícita que se estava nas margens do Rubicão, momento em que se iriam tomar decisões críticas (maio no Novo).

Nas nossas newsletters foi igualmente dada nota para as propostas exíguas de atualização das tabelas e que o tempo e a paciência se começavam a esgotar.

Paralelamente, e em complemento, o nosso Sindicato desencadeou uma grande campanha na comunicação social. No início de maio, no Expresso (papel e digital). Na semana seguinte, nas edições em papel no Expresso, no Correio da Manhã, n'A Bola e no Jornal Económico, mas também em suporte digital no Observador, no Jornal de Negócios e no Eco.

Em simultâneo, as nossas comissões sindicais, bem como outros elementos que integram os órgãos sociais do SNQTB, iniciaram uma enorme campanha de sensibilização dos sócios, distribuindo folhetos de norte a sul país, incluindo as regiões autónomas, sobre a posição incompreensível da Banca.

Na primeira quinzena de maio, falámos com milhares de bancários, explicámos de forma clara que talvez estivesse a chegar a hora de outro tipo de protesto.



Reunião dos sete sindicatos

Por estes dias, nomeadamente na segunda quinzena de abril, o SNQTB foi convidado para participar numa reunião conjunta de todos os sindicatos. Como é nosso timbre, estamos sempre disponíveis para conversar e para participar em iniciativas que defendam os interesses dos bancários. Nessa medida, aceitámos o convite.

Como já referimos, dessa reunião resultou apenas a decisão que, em data posterior, os sete sindicatos se reuniriam, de novo, com o intuito de definir uma estratégia de ações conjuntas e de elaborar propostas concretas.

Se a primeira reunião acabara com uma mão cheia de nada, do nosso ponto de vista parecia previsível que a segunda terminasse da mesma forma. Ainda assim, levámos o segundo encontro sindical a sério e preparámo-nos para tomar decisões.

A segunda reunião ocorreu a 7 de maio, em Coimbra. Assumindo que existia vontade conjunta de fazer alguma coisa substantiva, a Direção do SNQTB reuniu-se previamente e mandatou os seus representantes para, nesta segunda reunião, poder decretar de imediato e sem hesitações uma greve geral conjunta até três dias, se fosse esse o entendimento de todos os sindicatos.

Infelizmente, nesse dia ficou claro que essa vontade não existia. As negociações eram um jogo de sombras para esconder a ausência de interesse da parte de terceiros para agir, escondendo e diluindo essa fraqueza da vontade na sombra anónima dos sete sindicatos.



Para esse pedido, lamentamos, mas não contribuimos. Como deixámos claro, estamos disponíveis, por razões óbvias, para encetar um diálogo com a Banca em mesas negociais conjuntas. E estamos igualmente disponíveis para defender intransigentemente os interesses dos bancários.

Não nos peçam, porém, para sermos aquilo que nós não somos. Nós somos liderantes, insubmissos, independentes de todos os poderes. Nós somos um Sindicato pujante e sem medo. Um Sindicato dialogante, mas que não se autolimita na sua margem de atuação.

Nós estamos disponíveis para fazer um caminho de consciencialização crescente dos bancários para a necessidade de defenderem os seus direitos. Nós queremos derrubar resistências. Nós queremos mostrar que, com liderança e vontade, o protesto de teclado nas redes sociais se converte em mobilização presencial. Este é o nosso ADN.

Os resultados da Banca no primeiro trimestre e a AGA do BCP

Perante o cenário que até agora aqui se descreveu e com as Instituições de Crédito a apresentar excelentes resultados no primeiro trimestre de 2024 – BPI: 121M€, BCP: 234M€, CGD: 394,5M€, novobanco: 180,7M€ e Santander: 294,4M€ – entendemos que a Assembleia Geral de Acionistas (AGA) do BCP, marcada para 22 de maio, era a janela de oportunidade perfeita.

Chegara a hora de introduzir um grande protesto de rua na equação do processo negocial.

Como antes se explicou, os motivos da manifestação diziam respeito aos trabalhadores do BCP, mas também aos restantes bancários, ativos e reformados, na medida em que esta mesa negocial tinha o potencial de contaminar a do GNIC/APB.

Como é nosso timbre, independentemente das divergências estratégicas, convidámos todos os sindicatos do sector bancário para marcarem presença, se assim o entendessem. Como foi evidente, optaram por não o fazer. Tratou-se de uma opção legítima e que certamente traduziu o seu nível de maturidade e de consciencialização sindical. Diferente do nosso, mas, ainda assim, inteiramente legítimo.

Os nossos sócios, porém, querem uma outra postura sindical, mais assertiva e mais reivindicativa. Ora, representando o SNQTB mais de metade dos bancários no ativo, não poderíamos deixar de corresponder aos seus anseios e expectativas. Por eles, e com eles, seremos sempre insubmissos.

Isto dito, como foi evidente, a manifestação foi um sucesso a todos os níveis. Um êxito do ponto de vista logístico, mas também na perspetiva da mobilização alcançada (a maior manifestação bancária de que há memória nas últimas três décadas), ou do ponto de vista mediático. E, claro está, foi o culminar de uma estratégia bem sucedida, seguida à risca e de forma milimétrica nas últimas semanas.

Les jeux sont faits

Do ponto de vista estratégico, a manifestação junto à AGA do BCP cumpriu o que dela se esperava e muito mais. Evitou-se, em primeiro lugar, o contágio da mesa do GNIC/APB e, em simultâneo, desbloqueou-se a melhoria substantiva da proposta de aumentos que tardava em ser concretizada.

Tal como foi reconhecido pelos diversos sindicatos nas duas reuniões conjuntas, as negociações estavam bloqueadas desde março, com o GNIC/APB a propor um aumento de apenas 2,5%. Na reunião de 27 de maio, o GNIC/APB subiu a sua proposta de 2,5% para 2,8%. Da nossa parte, esclarecemos que não aceitaríamos um valor abaixo de 3%.

A nossa exigência era razoável e inegociável. Exigia, claro está, coragem e disponibilidade para fazer manifestações e greves, se necessário. No dia 22 de maio, relembramos, fomos a única estrutura sindical no terreno, juntamente com os sócios. Se outros abandonassem a sua inércia, como teria sido?

Chegava a altura de enterrar o machado de guerra. Por isso, congratulemos também os intervenientes das Instituições de Crédito – eles sabem quem são – que perceberam o que se avizinhava e tiveram o bom senso, bem como a lucidez, para encerrar um processo negocial que se arrastava desnecessariamente no tempo.

Feitas as contas, para um trabalhador bancário médio, esta subida de 0,5% representou um acréscimo de remuneração de cerca de 2380€ na soma da sua vida expectável.

Este acréscimo de remuneração não justificava que os bancários, sem medo, saíssem da sua zona de conforto? Deixassem de lado os protestos virtuais estéreis nas redes sociais e protestassem presencialmente em defesa dos seus direitos? Uma simples tarde de mobilização pessoal junto ao BCP não valeu a pena?

Há um antes e um depois desta nossa manifestação. Sabemos quem esteve ao nosso lado no TagusPark, nomeadamente colegas de comissões de trabalhadores que fizeram questão de expressar a sua solidariedade. Sabemos igualmente quem, entre os nossos sócios, se levantou muito cedo para estar em Oeiras no passado dia 22 de maio. Na hora de todas as decisões, quando era crítico estar presente, com botas no terreno, sabemos quem esteve connosco. Sabemos quem foi que, ao nosso lado, ombro junto a ombro, garantiu o nosso êxito.



Próximos passos?

Além do que já foi acima exposto, importa realçar ainda que a manifestação junto à AGA foi igualmente crítica para sinalizar ao BCP que nos vai ter pela frente se persistir neste rumo e se mantiver esta postura negocial.

Os restantes sindicatos sabem da sua vida. Nós sabemos da nossa. A manifestação do passado dia 22 de maio foi o culminar de um processo, mas em simultâneo correspondeu ao início de uma outra etapa.

Se necessário, a nossa insubmissão estará apenas a começar. Sozinhos, ou com outras estruturas sindicais, não prescindiremos de nenhum dos instrumentos que a lei nos confere.

Naturalmente, compete à administração do BCP decidir se prefere trilhar o caminho mais difícil para todos, ou se, seguindo o exemplo dos seus pares noutras Instituições de Crédito similares, compreende que há batalhas que não justificam uma guerra inútil. Optamos por um jogo de soma nula ou variável?

Da nossa parte, terminamos com um convite ao Dr. Miguel Maya, que muito estimamos, para que repense a fundo a sua proposta. Em nome do interesse de todos e, como não poderia deixar de ser, dos trabalhadores bancários do BCP.

No BCP ou em qualquer outra Instituição de Crédito, apenas queremos uma coisa: soluções justas e equilibradas. Por elas, se necessário, não pouparemos meios e esforços. Por elas, se necessário, iremos ultrapassar o Rubicão.

Por todos, com todos e para todos!



LUCROS DE MILHÕES AUMENTOS DE TOSTÕES ??



AUMENTOS INDIGNOS ESTRANHAM-SE, MAS NÃO SE ENTRANHAM



EXIGIMOS DECÊNCIA NOS AUMENTOS DOS SALÁRIOS E PENSÕES DOS BANCÁRIOS ATIVOS E REFORMADOS !!



EMPENHO E DEDICAÇÃO SEM A DIGNA COMPENSAÇÃO ??





Pedro Rola

Coordenador da comissão sindical do SNQTB no BCP e coordenador da delegação de Lisboa do Sindicato

“Concluimos a manifestação com acrescida energia para continuar a expressar a nossa insatisfação até que prevaleça o bom senso da parte do BCP. Isto dito, perante a intransigência da Comissão Executiva do Banco, talvez tenhamos de colocar também os holofotes de protesto junto da Fosun e da Sonangol.”

Esteve envolvido de forma muito direta no processo de preparação da manifestação do SNQTB no dia da Assembleia Geral de Acionistas do BCP. O resultado correspondeu às suas expectativas?

O resultado ultrapassou as minhas melhores previsões. Houve uma capacidade de mobilização da parte do nosso Sindicato e uma disponibilidade para marcar presença nunca antes vista, o que na minha opinião indicia o elevado grau de insatisfação com a proposta de aumentos de 2,25% que o BCP colocou em cima da mesa.

Tivemos colegas bancários, de norte a sul do país, que fizeram questão de estar presentes. Nunca tinha visto nada assim. Perante a enorme adesão, concluimos o dia da manifestação com acrescida energia para continuar a expressar publicamente a nossa insatisfação até que prevaleça o bom senso da parte do BCP.

Acredita que o Dr. Miguel Maya acabará por acompanhar a proposta que se acordou noutra mesa negocia?

Não vejo razão nenhuma credível para que não o faça. O BCP tem condições para o fazer sem colocar a sua competitividade em causa. Os resultados operacionais em 2023 foram excelentes e em 2024 encaminham-se igualmente para que seja um bom ano. Portanto, só por teimosia e certamente por um desejo excessivo em privilegiar os acionistas é que estamos neste impasse.

Talvez tenhamos, porventura, de prestar também alguma atenção de protesto focada nos acionistas maioritários.

O que quer dizer com isso?

Estou a pensar alto. Perante a intransigência da Comissão Executiva do Banco, talvez tenhamos de colocar os holofotes de protesto junto da Fosun e da Sonangol. Estes dois acionistas, em particular, tendo em conta a sua relevância na estrutura acionista, têm especiais deveres de fazer ver à Comissão Executiva do BCP que os trabalhadores não podem ser a parte sacrificada.

Se tivermos de subir a pressão juntos destes dois acionistas, bom, então que assim seja. Era preferível que o diálogo e a negociação permitissem uma solução de consenso, mas se necessário teremos de recorrer a outros meios e a outras formas intervenção, incluindo junto dos acionistas.



Comissão Executiva da USI marca presença no dia do associado do SITIC



UNIÃO DOS SINDICATOS INDEPENDENTES

O Sindicato Independente dos Trabalhadores da Informação e Comunicação (SITIC) convidou a Comissão Executiva da USI para marcar presença no convívio por si organizado e dedicado ao trabalhador e associado. Fundado em 1998, o SITIC integra a USI e a perfilha a sua orientação centrada nos princípios do sindicalismo democrático. Com mais de 1650 sócios e ampla cobertura nacional, o SITIC representa trabalhadores em 12 empresas.

Sandra Salgado, presidente da Comissão Executiva da USI (e diretora do SNQTB), teve oportunidade de participar no evento e de proferir algumas palavras perante esta iniciativa muito oportuna. “Os sindicatos têm de estar onde estão os seus sócios, manter uma orientação de proximidade e uma constante presença no terreno. Esta é a visão do SITIC que é também a nossa, na USI”, salientou Sandra Salgado.

